

O que é o que é: psicanálise?

Anne Lise Di Moisès Silveira Scappaticci,¹ São Paulo

Resumo: O objetivo do presente artigo é apresentar uma modesta reflexão sobre a discussão sobre a psicanálise ser ou não ciência com base nas experiências e vivências práticas da relação entre a teoria e a clínica psicanalítica.

Qualquer tipo de ciência se justifica por uma necessidade humana.

Palavras-chave: psicanálise, ciência, clínica psicanalítica, experiência emocional

Desde o trabalho seminal de Freud “Projeto de psicologia científica” em 1895 até os dias de hoje há uma exposição contínua da psicanálise ao escrutínio científico. Definir psicanálise utilizando os critérios científicos clássicos como estudos de confiabilidade e reprodutividade dos dados resulta difícil, se não, impossível. Ao mesmo tempo, definir o que é já provoca nos psicanalistas constrangimento pelo risco de dogmatizar uma ciência que se ocupa e investiga algo sempre em movimento e humano, o inconsciente.

Sabemos que vários autores escreveram sobre essa questão polêmica, quais são os critérios para considerar a psicanálise como ciência? Em nosso meio, Renato Mezan em seu artigo “Que tipo de ciência é, afinal, a Psicanálise?” (2007) faz uma extensa consideração da obra de freudiana a respeito dessa interminável celeuma. Um dos mais célebres epistemólogos, Karl Popper manifestou-se em seu critério de cientificidade excluindo completamente a possibilidade de inclusão da invenção freudiana dentre as ciências (Popper, 1991). Em um artigo, dentre muitos outros que abordam o tema, Nathalia Sisson e Monah Winogard argumentam o ponto de vista contrário:

1 Membro efetivo e analista didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, SBPSP. Doutora em Saúde Mental UNIFESP-EPM, psicóloga clínica pela Università degli Studi La Sapienza di Roma, psicanalista Infantil Tavistock e psicoterapeuta familiar pela Scuola Romana di Psicoterapia Familiare. Editora da revista *Ide: Psicanálise e Cultura*. Autora do livro *Psicanálise: uma atividade autobiográfica* (Blucher).

as noções do próprio Freud (2004[1915]) a respeito do pensamento científico se assemelham bastante com as de Bachelard (2005): ambos afirmam ser absolutamente necessário haver contextos, perguntas e ideias prévias que oriente a observação, a qual nunca é pura. Em Freud (2004[1915]), esse argumento está claramente presente no início do artigo “Pulsão e vicissitudes da pulsão”, onde ele escreve que a própria descrição do material obtido já é influenciada por ideias abstratas, obtidas das mais variadas fontes, e que só posteriormente esses dados podem ser ordenados e agrupados. (Sisson & Winograd, 2010, p. 74)

Mas afinal, o que é o que é Psicanálise?

Como num jogo de adivinhação do tipo “o que é o que é”, temos formulado essa questão específica há muito tempo: qual é o objeto psicanalítico, o que é o psíquico? O Isso, o Id, o divino, o Tao, o Inconsciente, o Infinito? A psicanálise é um instrumento de aproximação do psiquismo, não é a coisa em si.

O psíquico por sua natureza complexa não é binário, mas tratam-se de multi-dimensões que no presente nos coabitam e nos perturbam. Contêm em seu bojo relações com vários âmbitos da manifestação humana, como a física quântica, matemática, espiritualidade e religião, o homem em seu contexto social, político, histórico, científico, biológico, arte e cultura. A psicanálise é tudo isso e é muito mais. Possui uma especificidade: o olhar e a observação do psiquismo, que assim se expande. O olhar de Ulisses? (Scappaticci, 2024a, p. 9)

No entanto, muitas vezes a psicanálise e a cultura encontram resistência entre os próprios psicanalistas. Somos avessos a nós mesmos, a nossa realidade psíquica, nossas mentes ainda engatinham.

Freud, em “Dois verbetes de enciclopédia”, define:

Psicanálise é o nome de (1) um procedimento para investigação de processos mentais que são quase inacessíveis por qualquer outro modo, (2) um método (baseado nessa investigação) para o tratamento de distúrbios

neuróticos e (3) uma coleção de informações psicológicas obtidas ao longo dessas linhas, e que gradualmente se acumula numa nova disciplina científica. (Freud, 1923/2006a, p. 253)

Freud inseriu, portanto, a psicanálise nesses três eixos que parecem interdependentes. É necessário (1) um método de tratamento para que eu possa ter acesso e expandir meu contato com o objeto psicanalítico, (2) trata-se de um método de investigação e, assim, dos dados empíricos e práticos surge (3) uma teoria que reúne e colige os resultados clínicos e conceituais assim obtidos.

De acordo com o criador da jovem ciência, observo que seu caminho evolutivo coincide com várias linhas e vértices distintos e diversos da psicanálise presentes atualmente. Algumas vezes, até mesmo, o analista poderá trabalhar utilizando mais de um deles.

Pensando numa linha contínua que inicia com a origem da psicanálise apoiada na neurologia e no modelo médico e no outro extremo, o envolvimento da personalidade do psicanalista, teríamos inicialmente o estudo de caso. Nele o psicanalista em sua conduta se apoia em dados da anamnese, história e queixa do paciente, cura e terapia. Em outras palavras, as evidências são dados concretos, sensoriais e, portanto, o que permanece assegurado pela memória e pelo desejo de ambos de um bom prognóstico. O modelo médico nos norteia até hoje; estamos mais familiarizados com os dados objetivos, pragmatismo, a vida inanimada, do que com a realidade subjetiva, animada. Freud fez um grande esforço para transferir o peso e a importância científica do estatuto neurológico-biológico para o psicológico. Olhando o fato psicológico, achados derivados da experiência clínica surgiram: método da associação livre, observação da transferência, tentativas e métodos preciosos de aproximação do objeto de trabalho mediante a constatação da natureza não previsível da realidade psíquica. Não obstante, o analista teria que se comportar como uma tela em branco, a influência positivista da ciência em sua neutralidade preponderava. A psicanálise atribuía muita importância ao Eu consciente, ao tentar revelar o que estava por trás,

ao tornar os conteúdos latentes manifestos, seguindo um modelo linear causa-efeito de acordo com o senso comum científico daquela época.

Freud já lançava mão de uma importante descoberta ao formular sua teoria da consciência. No quinto capítulo de “A interpretação dos sonhos” correlaciona a consciência “como a de um órgão sensorial para a percepção das qualidades psíquicas” (1900/2006d, p. 615) e a atenção como uma função especial que se institui para, periodicamente pesquisar o mundo exterior, de modo que suas características já fossem conhecidas, ao surgir uma necessidade interior premente. Essa função era a atenção. Sua atividade vai ao encontro das impressões sensoriais, *ao invés de esperar que se manifestem*. (grifos meus, 1911/2006c, p. 15)

A importância do Eu consciente vai habitar o inconsciente. A consciência do Eu passa a ser inconsciente.

Embora inicialmente Freud não acreditasse ser possível trabalhar com pacientes psicóticos, seus casos clínicos e, portanto, seu pensamento teórico-clínico estruturou-se no trabalho e na investigação do funcionamento mental mudando sua ênfase da psicopatologia à psicose. Estimulou, desse modo, ulteriores desenvolvimentos e o estudo do funcionamento psicótico da mente não psicótica, entre vários autores, podemos citar artigos de Rosenfeld, Bion e a teoria kleiniana de estados esquizoparanoídes e depressivos da mente e a identificação projetiva. Avaliando posteriormente, percebe-se que as investigações psicanalíticas desde o seu início se detiveram no funcionamento psicótico da mente. Bion propôs o termo “paciência” para tolerar o estado de mente esquizoparanoide e Winnicott utilizou o medo do break down; ambos utilizaram esses recursos para lidar com a dor mental frente aos estados psicóticos e não integrados, como uma usina criativa e estímulo para o crescimento.

O marco da proposta freudiana, de levar em conta a realidade psíquica como ciência, é visto nos artigos metapsicológicos mais citados e conhecidos, respectivamente, na primeira tópica “Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental” (1911/2006c) e na segunda, “O ego e o id” (1923/2006b), neles a vida mental é descrita como um circuito complexo em movimento, entre princípio do prazer e da realidade, pulsão

de vida e de morte, o que é descrito posteriormente por Melanie Klein, como a mente na oscilação de estados mais e menos integrados (PS↔D). A vida mental é uma realidade e é uma necessidade levá-la em conta e seu estudo e abrangência são considerados, cada vez mais, uma nova ciência.

Com o passar do tempo e com os dados da experiência, a psicanálise se transformou e deixou o foco exclusivo do caso clínico, como se o analista fosse alheio à experiência, para aos poucos incluir o campo e a relação entre a dupla analista/analizando. Poderíamos fazer um paralelo entre o pensamento da física newtoniana clássica e a física quântica. Newton e Einstein, duas mentes brilhantes que retrataram duas dimensões contemporâneas do comportamento físico e humano: uma dimensão macroscópica é mais próxima, é visível, é mais fácil encontrar um senso comum; e uma outra, microscópica, invisível, alcançável por um olhar não estritamente sensorial, mas um olhar da alma, da intuição.

A visão do psiquismo se expande e a teoria do campo no “entre” os psiquismos e o interpessoal das personalidades envolvidas na sala de análise passa a ser o fulcro da investigação. A comunicação entre os inconscientes prepondera em suas multi-dimensões psíquicas. Muitos psicanalistas se ocuparam dessa abordagem, entre eles, Thomas Ogden, o casal Baranger, Giuseppe Civitarese, Antonino Ferro, Fábio Hermann.

Podemos considerar que a personalidade do psicanalista está em jogo na sala de análise, a experiência analítica é uma oportunidade de crescimento para os participantes. Analistas de várias vertentes continuam seus estudos e indagações sobre elementos do psiquismo que não podem ser conhecidos ou representados, mas que precisam ser abordados de outras maneiras.

Wilfred Bion em *Transformações* (1965/2004) propõe uma mudança de foco para o objeto psicanalítico. Essa passagem é denominada “mudança catastrófica” e constitui uma proposta para a dupla e para a psicanálise. A catástrofe seria aproximação do psiquismo atravessado pelo sensorial ao não sensorial, a mudança do foco daquilo que é possível conhecer e ter uma ideia de sua origem, ou seja, de um vértice mais científico, ao não sensorial, desconhecido, sem referências materiais ou sensoriais, um vértice estético. O objeto psicanalítico na

impossibilidade de ser apreendido pelo vértice científico passa a ser apreendido pela ética, pela busca de verdade e estética (Chuster, 2003, Vermote, 2018).

O elemento não sensorial presente nas palavras e no psiquismo é infinito, efêmero e pode ser perturbador. Remete às experiências indizíveis do início da vida, à origem, à matriz da vida mental. Uma análise remete à angústia de catástrofe frente a estados não integrados da mente, mas que, ao mesmo tempo, podem servir de vínculo da personalidade, como um rumo em direção a si mesmo. O vínculo proposto é um vínculo de fé (Bion, 1970/2007; Eigen, 1985) e de aposta no vínculo da mudança catastrófica.

Portanto, a mudança catastrófica passa a ser um conceito central em psicanálise, a proposta seria a:

reversão de perspectiva: de um vértice mais sensorial para um vértice mais próximo ao psíquico, não sensorial – digo, “mais” porque não acredito que exista algo puro. Daí sabemos que as narrativas de nossos pacientes por mais próximas do real que sejam, são sempre ficções e isso nos dá uma liberdade ainda maior de permanecermos no gap para pensar no modo tão único e pessoal com o qual a pessoa transforma o sensorial, o fato concreto, num fato psíquico, fato emocional. Michael Eigen, ao descrever uma sessão de um paciente, a denominou de “docu-fantasy”. (Scappaticci, 2024b, p. 633)

Uma sessão visa a experiência de catástrofe controlada (Bion, 1965) é a disponibilidade para viver a própria alteridade despertada na vivência da alteridade do outro, a infinitude, o inconsciente, o desconhecido. O inconsciente como função psicanalítica da personalidade (Civitarese, 2024) pode ser chamado e não evitado por um setting específico facilitador no acolher tantas perturbações diante do acontecimento psíquico. O setting, insight brilhante de Freud, é um acordo inicial de uma rotina de encontros frequentes, idealmente diários, e pré-fixados pela dupla, mas é também interno, a análise pessoal de cada analista. Concordo com Civitarese (2024) ao propor que o que se conserva numa análise é o inconsciente, o setting, a análise do analista, e a publicação,

para ele escrita. O mito de Babel entre os psicanalistas, ou seja, as diferentes linhas adotadas por cada um em sua tomada de decisão sobre qual dimensão psíquica abordar, não é empecilho, ao contrário, enriquece a contribuição e o estudo da psicanálise.

Se o psicanalista opta ou se faz necessário trabalhar com uma dimensão em que a possibilidade simbólica e representativa não existe, é necessário ter que arcar com o ônus de que sua intervenção careça da qualidade científica que possa ser outorgada por alguma evidência que a ampare.

No contexto de uma visão científica clássica, um relato clínico com tantos questionamentos e um alto grau de especulação costuma ser pouco digno de validação ou pelo menos suspeito, entretanto, para o psicanalista pode se tratar justamente de seu objeto de investigação. Estaria, assim, num contínuo estado de “o que será que será? aquilo que nem o padre eterno...” (Holanda, 1976) poderá se manifestar, nos atributos que surgem do ultra e no infra sensorial, justamente o não convencional, aquilo que está em busca de um pensador, o “padrão ouro” da psicanálise.

Melanie Klein, ao focalizar o instinto epistemofílico e a descoberta de como o bebê se dirige à mente da mãe para se conhecer já estabelecia que a psicanálise, como afirmei anteriormente, é a descoberta da epistemologia pessoal (Scappaticci, 2018). O infante humano é como um astronauta ou um pequeno cientista em busca de si mesmo na investigação de sua vida mental. Diante dessa urgente necessidade humana, como supor que a psicanálise não seria científica?

Vinheta clínica

Abre a porta e faz um “oi” olhando-me atentamente. Seu olhar agarra o meu numa espécie de boia salva-vidas até que deita no divã e, literalmente, some.

Minutos incontáveis de vazio, branco total, não sei onde me apoiar e nem o que dizer. Aguardo e penso alto: “Nossa! Que jeito diferente de

entrar e fazer contato comigo com o seu olhar.” Aguardo em silêncio e completo: “mas você deitou e fiquei sem você”.

Nada de nada. Começo a pensar qual o problema do branco ou do nada. *Muito barulho por nada?*²

Ela sussurra um “ahh”, outro longo silêncio...

Sem querer e saber o porquê, pergunto: “Tem alguém aí?”. *Parece uma música.*

Ela fala e seu esforço é muito comovente, sofrido: “Tento dizer alguma coisa. Mas tudo é importante. Se escolho algo, perco...”

Começa a gaguejar: “eu, eu, eu, vou, vou, ou não, sei...” repete: “ei, ahh, viu?”

Sinto-me sofrendo numa torcida do Palmeiras – na minha infância, em casa, eram todos São Paulinos. As frases quase se formam e não se completam, eu caio junto. Desespero ou *desespéro?*

Quando parece desistir, fico com um sentimento de impotência e, ao mesmo tempo, cresce certo suspense. Lembro-me de um desenho animado e proponho:

Analista – Você assistia o desenho daquele pássaro que corria muito e era perseguido por um outro animal? Agora eu me lembrei. Você me faz sentir como o coioote perseguindo o Papa-Léguas. O Papa-Léguas passa correndo e vai ao alto de uma montanha seguido pelo coioote. O coioote quando na iminência de alcançá-lo cai no abismo profundo.

Ela ri!

Essa sequência em sua análise aparece como uma transformação (T) sua, um padrão que se repete na nossa história: ao nos encontrarmos, diante da infinitude da vida mental fazer uma escolha sobre o que dizer, um assunto, parecia remetê-la ao desaparecimento de todos os outros, dela mesma.

Achados e perdidos. Terror e sentimentos oscilando entre o medo de perder o objeto e de perder a si mesma.

2 *Much Ado About Nothing* (Shakespeare).

Estávamos caindo no precipício da alma, no ponto culminante onde o mundo acaba (edge of the earth), o final dos tempos. Certas frases me ocorriam: “mãe, mãe, você me acolhe se eu cair?”; “Posso entregar-me, dormir sossegada?”.

Branco. Ser olhada pelo canto dos olhos, um olhar branco cheio de pânico, cheio de nada. Remete-me a Shakespeare a um trecho de *Sonho de uma noite de verão*, a fala de Theseu a respeito dos poetas:

o louco: o amante, tudo tão frenético,
Vê a beleza de Helena em uma cigana do Egito:
O olho do poeta, em fino frenesi girando,
Olha do céu para a terra, da terra para o céu;
E como corpos de imaginação
As formas das coisas desconhecidas, a pena do poeta
Transforma-os em formas e dá ao aéreo nada
uma morada etérea e um nome...
(Shakespeare, 1590/2013)

A busca de um local psíquico no trabalho do psicanalista me remete à “locomotiva” de Bion quando criança, o presente recebido em seu sexto aniversário, que se tornou uma espécie de objeto transicional que o acompanha em sua autobiografia e pela vida. “Loco-motive”, um local em movimento, um movimento em busca de um “psico-alojamento”. A importância da análise do psicanalista ressignificando sua autobiografia, visto que, em termos científicos, a metapsicologia de todo analista está presente em sua infância. A psicanálise, portanto, é dar uma segunda chance para o nosso nascimento psíquico.

Meses depois a analisanda falava como se nada tivesse acontecido antes entre nós. Suas frases eram perfeitas, inquietas, diretas, carregadas de ódio e desespero:

Analisanda – Tenho vergonha de contar, mas não consigo chegar no horário do trabalho. Perco a hora de dormir e a hora de acordar... Estou tomando

os remédios. O mesmo acontece com a comida, de repente, como muito, engordo, boicoto o regime. Não consigo guardar dinheiro!

As palavras correm dentro de um clima aflitivo de grande confusão contada com clareza. Desalento. Vejo seu pai indigente deitado em um colchonete no chão da sala.

Sua indignação parece eclodir na expressão “isso me gera” repetida inúmeras vezes. Soa-me estranha. Uma cacofonia como ouvir: mijo, megera, migera, Nigeria... Uma pessoa conduzida por um pronome? Naquele momento lembrei-me da reversão, linguagem alucinatória descrita por Freud no caso Shrebbber, estado no qual a confusão é mantida por colocar no “me” um inimigo oculto interno como uma força onipotente e severa contrária à existência da própria pessoa. Digo que parece que tem um Hitler na sala.

Concluindo, em todo infante existe a busca de autoconhecimento, trata-se de uma pré-concepção em busca de uma realização, de quem sou eu. Todo bebê humano é um pequeno cientista. Somos seres mentais e de acordo com isso, a psicanálise é uma ciência que busca o conhecimento da realidade psíquica. Não podemos reduzir a psicanálise a um conjunto de evidências científicas, mas se a posicionarmos em uma atitude científica investigativa, poderemos manter o questionamento e tentar impedir verdades absolutas. Neste sentido a psicanálise é uma ciência ética e estética.

Desde o início de nossas vidas precisamos lidar com a ausência de um objeto, e ver a psicanálise como uma descoberta do método de cada um de aproximar-se da própria realidade psíquica.

¿Qué es el psicoanálisis?

Resumen: El objetivo de este artículo no es centrarse y profundizar en la discusión sobre el psicoanálisis como ciencia, sino presentar una modesta reflexión sobre este tema a partir de las experiencias y vivencias prácticas de la relación entre la teoría psicoanalítica y la práctica clínica. Cualquier tipo de ciencia está justificada por una necesidad humana.

Palabras clave: psicoanálisis, ciencia, clínica psicoanalítica

What is psychoanalysis?

Abstract: The objective of this article is not to focus on and deepen the discussion about psychoanalysis being a science, but to present a modest reflection on this subject based on the experiences and practical experiences of the relationship between psychoanalytic theory and clinical practice. Any kind of science is justified by a human need.

Keywords: psychoanalysis, science, psychoanalytic clinic

Referências

- Bion, W. R. (2004). *Transformações* (P. C. Sandler, Trad.). Imago. (Trabalho original publicado em 1965)
- Bion, W. R. (2007). *Atenção e interpretação* (P. C. Sandler, Trad.). Imago. (Trabalho original publicado em 1970)
- Chuster, A. (2003). *A psicanálise: dos princípios éticos-estéticos à clínica*. Companhia de Freud.
- Civitarese, G. (2024). Novas perspectivas sobre a teoria do campo analítico. Palestra na Sociedade de Psicanálise de Ribeirão Preto.
- Eigen, M. (1985). Toward Bion's starting point: between catastrophe and faith. *Int. J. Psychoanal.*, 66, 321-330.
- Freud, S. (2006). Dois verbetes de enciclopédia. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 18, pp. 285-312). Imago. (Trabalho original publicado em 1923)
- Freud, S. (2006). A interpretação dos sonhos. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 4). Imago. (Trabalho original publicado em 1900)
- Freud, S. (2006). O ego e o id. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud* (Vol. 19, pp. 13-85). Imago. (Trabalho original publicado em 1923)
- Freud, S. (2006). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud* (Vol. 12, p. 273-286). Imago. (Trabalho original publicado em 1911)
- Holanda, C. B. (1976). O que será que será. *Meus Caros Amigos* [Álbum]
- Mezan, R. (2007). Que tipo de ciência é, afinal, a Psicanálise? *Natureza Humana*, 9(2), 319-359.
- Scappaticci, A. L. S. M. (2018). A autobiografia de Wilfred Bion: psicanálise uma atividade autobiográfica. *Jornal de Psicanálise*, 51(95), 299-242.
- Scappaticci, A. L. S. M. (2024a). Editorial: Ode à vida. *Ide*, 46(78), 7-10.

Anne Lise Di Moisès Silveira Scappaticci

Scappaticci, A. L. S. M. (2024b). Psicanalistas ficcionistas. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 30(3), 627-640.

Sisson, N., & Winograd, M. (2010). A Ciência de Freud: introdução ao problema da cientificidade da psicanálise. *Fractal: Revista de Psicologia*, 22, 67-84.

Shakespeare, W. (2013). *Sonho de uma noite de verão* (no original: *A Midsummer Night's Dream*). Martin Claret. (Trabalho original publicado em 1590)

Vermote, R. (2018). *Reading Bion*. Routledge.

Anne Lise Di Moisès Silveira Scappaticci

annelisescappaticci@yahoo.it